

# SEPULTAMENTO OU CREMAÇÃO: A FORMA DE DISPOR DOS MORTOS FRENTE A QUESTÕES CULTURAIS, SOCIAIS E RELIGIOSAS

---

Vanderlei Dorneles<sup>1</sup>

## Resumo

As civilizações sempre demonstraram zelo e reverência ao dispor dos mortos. Entre os orientais, a cremação tem sido a prática predominante. Nas culturas judaica e cristã, o sepultamento tem sido o mais comum, mas nas últimas décadas a cremação se tornou uma prática dominante em muitos países ocidentais. A popularização dos crematórios no Ocidente levanta a importante questão se a Bíblia oferece prescrição sobre cremar ou sepultar os mortos. Este artigo reflete sobre o sepultamento e a cremação, sua ocorrência na história, suas taxas atuais e o que a Bíblia tem a dizer sobre isso. Os relatos bíblicos sobre sepultamento, punição por fogo e cremação são abordados do ponto teológico, com a finalidade de compreender a natureza do relato se prescritivo ou não. O essencial na discussão sobre a questão é destacar a esperança bíblica da restauração de todas as coisas em Cristo, incluindo a ressurreição dos seres humanos para a vida imortal ou para o juízo.

**Palavras-chave:** Sepultamento; Cremação; Cultura; Bíblia.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Received: 10/03/2023  
Approved: 29/05/2023

**Como citar:** DORNELES, V. Sepultamento ou cremação: a forma de dispor dos mortos frente a questões religiosas, culturais e sociais. **Kerygma**, Engenheiro coelho (SP), v. 18, n. 1, p. e1609, 2023. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v18.n1.pe1609>.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e em Ciências da Comunicação (USP). Professor da graduação e pós-graduação em teologia no UNASP-EC. E-mail: [vanderlei.dorneles@unasp.edu.br](mailto:vanderlei.dorneles@unasp.edu.br). Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-8147-4838>.



# BURIAL OR CREMATION: THE WAY TO DISPOSE OF THE DEAD IN LIGHT OF, CULTURAL, SOCIAL AND RELIGIOUS ISSUES

## Abstract

Human civilizations have always demonstrated zeal and reverence when disposing of the dead. Among Easterners, cremation has been the predominant practice. In Jewish and Christian cultures, burial has been the most common, but in recent decades cremation has become a dominant practice in many Western countries. The popularization of crematoriums in the West raises the important question whether the Bible offers prescription on cremating or burying the dead. This article reflects on burial and cremation, their occurrence in history, their current rates, and what the Bible has to say about them. The biblical accounts of burial, punishment by fire and cremation are approached from a theological viewpoint, with the aim of understanding the nature of the account whether prescriptive or not. The essential thing in discussing the issue is to highlight the biblical hope of the restoration of all things in Christ, including the resurrection of human beings to immortal life or to judgment.

**Keywords:** Burial; Cremation; Culture; Bible.

# ENTIERRO O CREMACIÓN: LA FORMA DE DISPONER DE LOS MUERTOS A LA LUZ DE CUESTIONES CULTURALES, SOCIALES Y RELIGIOSAS

## Resumen

Las civilizaciones siempre han demostrado celo y reverencia cuándo llega la hora de deshacerse de los muertos. Entre los orientales, la cremación ha sido la práctica predominante. En las culturas judía y cristiana, el entierro ha sido lo más común, pero en las últimas décadas la cremación se ha convertido en una práctica dominante en muchos países occidentales. La popularización de los crematorios en Occidente plantea la importante cuestión si la Biblia ofrece prescripciones sobre incinerar o enterrar a los muertos. Este artículo reflexiona sobre el entierro y la cremación, su ocurrencia en la historia, sus tasas actuales y lo que la Biblia tiene que decir sobre ellos. Los relatos bíblicos del entierro, el castigo por el fuego y la cremación se abordan desde un punto de vista teológico, con el objetivo de comprender la naturaleza del relato se es prescriptivo o no. Lo esencial al discutir el tema es resaltar la esperanza bíblica de la restauración de todas las cosas en Cristo, incluida la resurrección de los seres humanos a la vida inmortal o al juicio.

**Palabras clave:** Entierro; Cremación; Cultura; Biblia.



## INTRODUÇÃO

O cuidado e a preocupação com os mortos têm sido uma experiência perene nas civilizações ao longo dos tempos. Embora existam diferentes rituais e formas de dispor os mortos de acordo com a cultura e a visão religiosa, o momento em que as pessoas perdem e se despedem de seus familiares é sempre doloroso, triste e reflexivo. Os sentimentos neste contexto complexo precisam ser respeitados. O corpo sem vida dos entes queridos não é mais eles mesmos porque não há mais audição, respiração, nem batimento cardíaco. Existem membros, órgãos e cérebro, mas eles estão sem vida. Porém, esse corpo sem vida é uma espécie de símbolo daqueles que amávamos. A questão sobre o que fazer com esse corpo envolve aspectos culturais, sociais e ambientais, bem como crenças sobre ressurreição e vida após a morte.

Entre as culturas orientais, a cremação tem sido há muito tempo a prática predominante ao dispor os mortos. Embora o sepultamento tenha sido o mais comum nos contextos judaico e cristão, nas últimas décadas a cremação se tornou uma prática dominante em muitos países.

As diferenças entre sepultar e cremar são muitas e complexas. O processo de decomposição dos mortos em um sepultamento é terreno, lento e geralmente mais caro. Por sua vez, na cremação este processo é rápido, quente, seco e geralmente mais barato (COWLING, 2010, p. 32). Ao enterrar os mortos, as pessoas têm o túmulo como memorial. Por sua vez, a cremação oferece a possibilidade de levar as cinzas nas mãos a fim de guardá-las também como memorial (DAVIES, 2017, p. 95). A cremação ocorre dentro de um crematório que é um forno industrial onde o corpo é introduzido em um caixão ou recipiente combustível para facilitar o processo.

A popularização dos crematórios no Ocidente cristão levanta a séria questão se a Bíblia oferece alguma prescrição sobre cremar ou sepultar os mortos. Ao lidar com esta questão, surgem certas preocupações e pontos de vista religiosos. Este artigo reflete sobre o sepultamento e a cremação, sua ocorrência na história, suas taxas atuais e o que a Bíblia tem a dizer sobre isso.



## SEPULTAMENTO E CREMAÇÃO NO MUNDO ANTIGO

Registros arqueológicos atestam rituais de sepultamento e cremação em tempos muito antigos. A cremação foi predominante entre as culturas orientais, mas também se tornou popular no Ocidente cristão a partir do século 20.

No mundo antigo, a cremação era comum entre os gregos, assírios, babilônios, persas e trácios (EARGER, 1915, p. 744). No final da República, “os romanos abandonaram o sepultamento e também passaram a praticar a cremação” (PROTHERO, 2001, p. 6). A literatura clássica grega e romana relata a cremação de “guerreiros e figuras heroicas” como um meio que possibilitava levar para casa “os restos mortais de campanhas militares, bem como uma forma de lidar com os cadáveres no campo de batalha” (DAVIES, 2017, p. 32). Eventos de cremação são relatados em quase todas as escrituras religiosas como hindus, budistas e judaicas. Com exceção dos egípcios, chineses e hebreus, “a cremação parece ter sido a prática padrão dos antigos” (PROTHERO, 2001, p. 5). A antiga religião egípcia desenvolveu a complexa crença da transmigração da alma, a qual levou à proibição da cremação. Eles acreditavam que a alma poderia retornar ao corpo se este fosse bem preservado. Por isso, desenvolveram os processos de mumificação.

Exceto os egípcios, as culturas antigas que mantinham a noção da imortalidade da alma, em geral, preferiam a cremação ao sepultamento. No antigo hinduísmo, os sacerdotes cantavam hinos de cremação esperando que a alma sobrevivesse ao fogo e voasse como um pássaro para “o mundo dos ancestrais ou o mundo dos deuses”. Com uma crença semelhante, os antigos gregos também preferiam a cremação ao sepultamento. Eles estavam convencidos de que “o fogo separava a alma pura do corpo impuro e a libertava para ascender, como uma fênix, do seu altar de chamas aos céus” (PROTHERO, 2001, p. 6).

No Ocidente, a cremação perdeu espaço para o sepultamento com a ascensão do cristianismo nos primeiros séculos da EC. Desde o primeiro século, os cristãos preferiram o sepultamento em vez da cremação, sob a influência da tradição judaica e da suposta ligação entre sepultamento e ressurreição, conforme demonstrado no caso de Jesus. Na verdade, a crença na ressurreição do corpo tornou a cremação “repugnante para os primeiros cristãos, cujo uso do sepultamento é atestado pela evidência das catacumbas de Roma” (CROSS;



LIVINGSTONE, 2005, p. 434). Por isso, “no final do 4º século, a cremação tinha sido efetivamente erradicada do Ocidente cristão” (PROTHERO, 2001, p. 6).

O sepultamento se tornou a prática dominante para lidar com os mortos à medida que o cristianismo cresceu e se tornou a religião dominante no Ocidente. Quando o imperador romano Constantino se tornou cristão, ele banuiu a cremação em partes do mundo pagão clássico e mediterrâneo, e assim o sepultamento permaneceu dominante ao longo dos séculos no Ocidente. Contudo, o atual processo de secularização e as mudanças na visão cristã sobre a morte reabriram espaço para a cremação no Ocidente. Além disso, o alto custo do processo de embalsamamento e de espaço também encareceu o sepultamento.

O custo atual do sepultamento é um dos fatores que mais elevam as taxas de cremação no mundo. No contexto da “indústria” do sepultamento, alguns têm defendido como alternativa ao sepultamento tradicional um sepultamento mais simples e barato denominado “sepultamento natural” ou “sepultamento verde”.<sup>2</sup> Na verdade, o que as pessoas hoje conhecem como sepultamento natural ou verde foi praticado durante a maior parte da história. Para ser enterrado no passado, o corpo sem vida era “envolto em uma mortalha ou então colocado em uma simples caixa de madeira, sendo o falecido baixado à cova e coberto, e assim devolvido à terra” (FOURNIER, 2018, p. 9). O processo de embalsamamento e mumificação era comum apenas no antigo Egito e em algumas poucas culturas. O sepultamento natural ou verde significa que o cadáver é “enterrado em um recipiente que pode se decompor, junto com seus restos mortais, e retornar ao solo” (FOURNIER, 2018, p. 10). O processo é o mais natural possível. Evidentemente isto precisa ser considerado de acordo com a legislação dos diferentes países.

---

<sup>2</sup> Sobre as alternativas e possibilidades de sepultamento natural ou verde, ver DAVIES, Douglas; RUMBLE, Hannah, *Natural Burial: Traditional-secular Spiritualities and Funeral Innovation* (New York: Continuum, 2012); HARRIS, Mark, *Grave Matters: A Journey through the Modern Funeral Industry to a Natural Way of Burial* (New York: Scribner, 2007); e FOURNIER, Elizabeth, *The Green Burial Guidebook: Everything you Need to Plan an Affordable Environmentally Friendly Burial* (Novato: California: New World Library, 2018).



## CRESCIMENTO DAS TAXAS DE CREMAÇÃO

Ao longo do século 20, a cremação tem sido cada vez mais utilizada nas culturas modernas, especialmente na Europa e América do Norte. As taxas de cremação já atingiram mais da metade dos mortos em muitos países.

Na América do Norte, houve apenas dois casos registrados de cremação antes do ano 1800. Na verdade, a história da cremação na América começou em 1876, quando o primeiro crematório foi construído em Washington, Pensilvânia. Apenas oito anos depois, o segundo crematório foi construído em Lancaster, Pensilvânia (“History of Cremation in America”, 2022). Durante o século 19 e na primeira metade do 20 essa prática não cresceu tanto. Porém, a partir de então, a cremação aumentou nos Estados Unidos de 4% em 1960, para 17% em 1990, para 33,8% em 2006 e para 57,5% em 2021. No Canadá, cresceu de 55,6% em 2006 para 74,8% em 2021 (Cremation Association, 2022).

Nos países onde o catolicismo é a religião dominante, as taxas de cremação são mais baixas (DAVIES, 2008, p. 136). Segundo a Cremation Society, em 2019, a cremação de mortos na Irlanda foi de 22,69%, na Itália 23,9%, na Polônia 24%, na França 36,79%, na Espanha 50,33%, na Bulgária 5,08%, e na Romênia apenas 0,5%. Por sua vez, essas taxas foram na Rússia de 49,5%, na Alemanha de 69%, na Suécia de 82,95%, na Dinamarca de 83,9% e na Suíça de 85,79% (Cremation Society, 2022). No Reino Unido, as taxas eram de 16% em 1960, e cresceram para 70% em 1990, e para 78,1% em 2019 (Cremation Society, 2022).

Portanto, a cremação tem sido cada vez mais adotada em países com tradição protestante, enquanto os países católicos são mais dedicados ao sepultamento (DAVIES, 2017, p. 261). No entanto, depois de decretar em 1886 que a cremação era um “costume ímpio detestável” (DAVIES, 2008, p. 129), em 1963 o Vaticano retirou a proibição da cremação para os católicos, mas “orações ou rituais” não podiam ser feitos diante dos “restos cremados” (MCGRATH, 2015, p. 120). Isso fez com que a cremação fosse adotada também pelos católicos, embora em ritmo mais lento.

Tradicionalmente, as culturas orientais preferiam a cremação ao sepultamento, exceto a China, onde existe o costume de venerar os antepassados em seus túmulos. No entanto, nos últimos tempos, a cremação tornou-se a prática dominante no tratamento dos mortos em toda a Ásia, incluindo a China. De acordo com a Cremation Society, em 2019, as taxas de



cremação foram em Taiwan de 96,76%, em Hong Kong 93,51%, no Japão 99,97%, na Coreia do Sul 88,01% e na China 52,4%. O povo da Oceania também prefere a cremação. As taxas na Austrália em 2019 foram de 69,23% e na Nova Zelândia de 75%.

O catolicismo também é a religião dominante na América do Sul. Exceto o Peru que tem uma taxa de 73,07% de cremação e a Argentina de 45%, os demais países apresentam taxas baixas, como o Brasil com apenas 9% dos mortos cremados (Cremation Society, 2022). As taxas de cremação na África são mais baixas do que 10% em geral. Os funerais africanos são longos e muito frequentados porque eles acreditam que o espírito ainda está vivo e não separado do corpo. Eles creem que os mortos não estão realmente mortos. Assim, a maioria dos africanos se sente desconfortável com o aumento da cremação impulsionado pela migração para as cidades.

Além da percepção de que os protestantes estão mais inclinados a adotar a cremação do que os católicos, o processo de cosmopolitização e secularização também é influente na substituição do sepultamento pela cremação. As implicações sociais e religiosas da cremação, até recentemente, não receberam muita atenção. À medida que ela se tornou uma forma dominante de lidar com os mortos, muitos cristãos têm enfrentado a questão se ela é uma forma aceitável de dispor dos mortos e dizer-lhes “adeus” até a ressurreição.

### ***Questões religiosas***

Os debates sobre a cremação e o sepultamento dos mortos não se concentram principalmente em questões financeiras e ambientais, mas sim religiosas. As ideias e os conceitos sobre espírito, corpo e vida após a morte estão sempre em discussão.

A conexão cristã entre morte, sepultamento e ressurreição permaneceu dominante no Ocidente até o século 16. Os cristãos se referiam à morte como um “sono temporário” e aos cemitérios como “locais de dormir” até a ressurreição (PROTHERO, 2001, p. 8). No início do século 16, os Reformadores lançaram as bases para as mudanças na forma como os cristãos lidariam com os mortos no futuro. Eles rejeitaram a doutrina católica do purgatório, que desde o século 13 afirmava que os mortos estariam espiritualmente vivos enquanto aguardavam a ressurreição do corpo. Os protestantes também rejeitaram a reverência aos santos e as orações pelos mortos.



Os protestantes também abraçaram a crença de que o corpo era “um vaso de barro” e “a residência de um espírito imortal” (CALVIN, 1960, I.XV.1). Mas, com o tempo, minimizaram essa perspectiva para afirmar também “a ressurreição do corpo como o seu principal *locus* de discussão da vida eterna” (DAVIES, 2008, p. 31), aproximando-se da perspectiva católica. Tradicionalmente, a Igreja Católica proibia a cremação porque era considerada uma “prática pagã” que negava a doutrina da ressurreição. Além disso, o corpo era considerado “templo do Espírito Santo”, portanto, sendo santo (MCGRATH, 2015, p. 20). Isto segue como um fator desencorajador para a cremação entre os católicos.

Por outro lado, durante o século 20, a questão da ressurreição do corpo entre os protestantes deixou de ser um obstáculo. O evangelista americano Billy Graham fez uma declaração famosa e influente que resume a perspectiva protestante. Segundo ele, em 2 Coríntios 5:1-4, Paulo faz o contraste entre “viver numa tenda, uma casa temporária que pode ser demolida”, e “viver numa casa permanente que durará para sempre”. Ele concluiu esse raciocínio desta forma: “Nossos corpos [atuais] são nossas tendas temporárias. Nossos corpos ressuscitados serão nossos lares permanentes. Eles são semelhantes em aparência, mas diferentes em substância. A cremação, portanto, não é um obstáculo à ressurreição” (citado por MCGRATH, 2015, p. 120). Além disso, no último século, alguns teólogos protestantes e evangélicos mudaram o foco de uma alma independente para um ser humano unificado e um “corpo ressurreto recém-criado que apareceria pela boa vontade divina no devido tempo” (DAVIES, 2008, p. 141).

A noção da imortalidade da alma e da sua suposta vida fora do corpo é um ponto crucial na discussão do sepultamento ou cremação entre protestantes e católicos. Neste contexto, o espiritualismo moderno também contribuiu para fortalecer o foco na imortalidade e na independência da alma (DAVIES, 2008, p. 31).

A visão adventista do sétimo dia sobre a morte como a cessação de toda a vida, corporal e espiritual, pode desempenhar um papel importante na consideração da forma de dispor dos mortos, uma vez que até a ressurreição não há vida nem consciência para aqueles que morreram. O corpo sem vida faz parte da terra de onde veio, como afirma a Bíblia: “Então o pó voltará à terra como antes” (Ec 12:7). Mesmo assim, espera-se sempre uma atitude de respeito e empatia pelos enlutados.





Assim, mudanças de crenças abriram espaço para uma adoção crescente da cremação, além de outros fatores como custos, meio ambiente e secularização. Ao discutir esse assunto, é fundamental questionar se a Bíblia apresenta ou não alguma prescrição sobre o assunto.

## **SEPULTAMENTO E CREMAÇÃO NA NARRATIVA BÍBLICA**

Em toda a Bíblia, o sepultamento em solo é a prática dominante ao dispor dos mortos. Assim, fica sugerido que esta era a forma habitual de se dispor dos mortos naquela época. Contudo, serão os relatos bíblicos sobre o sepultamento prescritivos ou apenas narrativos? Além disso, há muitos relatos de pessoas queimadas ou cremadas. Deve-se observar qual é o propósito nesses casos.

Os relatos bíblicos em ambos os casos devem ser analisados do ponto de vista teológico em busca de se definir a natureza dos mesmos, se apenas narrativos ou prescritivos.

### ***O costume do sepultamento nos tempos bíblicos***

A Bíblia relata o sepultamento de muitas pessoas. Abraão comprou um cemitério para sua esposa Sara e para si mesmo (Gn 23:9, 19; 25:9-10). Foi também o túmulo de outros patriarcas (Gn 35:29; 49:29-31; 50:13). José ordenou que os irmãos levassem seus ossos do Egito para serem enterrados em Canaã (Gn 50:25; Js 24:32). O Senhor supostamente sepultou Moisés (Dt 34:5-6). Davi também foi enterrado em um túmulo (1Rs 2:10; 2Cr 25:28). João Batista foi sepultado (Mr 6:29), assim como Lázaro (Jo 11:17-19), Ananias e Safira (At 5:6-10), e também Jesus (Mt 27:57-60).

Percebe-se também que o sepultamento foi precedido dos cuidados de limpeza, perfumação e, por vezes, embalsamamento dos corpos. José ordenou aos médicos egípcios que embalsamassem seu pai Israel (Gn 50:2), e mais tarde ele também foi embalsamado (Gn 50:26). O corpo de Jesus foi envolto em “linho limpo”, e as mulheres usaram “especiarias e óleos aromáticos” para prepará-lo para o sepultamento, de acordo com o “costume” judaico ao enterrar os mortos (Mt 27:59; Lc 23:53; Jo 19:40).

Esse costume é coerente com a afirmação bíblica de que o corpo humano foi criado da terra e após a morte à terra deve retornar (Gn 3:19; Ec 12:7). A Bíblia acrescenta que os mortos



serão ressuscitados dos “sepulcros” (Jo 5:28). Porém, em todos os casos não há prescrição nem mandamento sobre o sepultamento dos mortos como forma correta de lidar com eles. A Bíblia apresenta apenas relatos dessa prática como um costume.

Em geral, os autores do tema admitem que “não existe uma ordem direta quanto ao sepultamento” nas Escrituras (GEISLER; POTTER, 2009), já que os eventos funerários se apresentam como apenas narrativos, não prescritivos. Na verdade, o sepultamento é o “padrão geral” estabelecido nas Escrituras e “tem sido historicamente seguido pela igreja”. Em vista disso, alguns entendem que os cristãos, se possível, “devem praticar o sepultamento” (GEISLER; POTTER, 2009).

Como não existe ordens expressas para se enterrarem os mortos, é preciso considerar os textos bíblicos sobre queimar pessoas ou cremar corpos sem vida. Por sua vez, o objetivo nesse caso é verificar se existe um mandamento ou prescrição contra essas práticas.

### **A prática de queimar pessoas como punição**

Além do sepultamento, a Bíblia também relata muitos eventos sobre pessoas que foram queimadas em contextos de punição e purificação. As cidades ímpias de Sodoma e Gomorra foram destruídas com fogo e enxofre (Gn 19:24). Judá pretendeu queimar Tamar por ser adúltera (Gn 38:24). Nadabe e Abiú foram queimados por profanarem o santuário do Senhor com fogo estranho (Lv 10:2). Pecados abomináveis (do heb. *zimmah*) e rebelião contra a liderança de Deus também foram punidos com morte por fogo (ver Lv 20:14; 21:9; Nm 11:1-3; 16:35; Js 7:15; ver também WRIGHT, 2003, p. 364). A pena de morte se tornava ainda mais ofensiva ao “queimar o corpo do infrator” (MADVIG, 1992, p. 287). A morte por fogo também era uma espécie de punição pela rebelião na Babilônia (cf. Dn 3:19-21). O fogo também é usado como símbolo de julgamento (em Is 10:16-17; 30:27-28; Jr 4:4; Jl 2:30; Sf 1:18; 3:8; Ml 3:2, 5; Mt 3:10-12; 1Co 3:13-15; 2Ts 1:7; Hb 10:27; 2Pe 3:7; e Ap 19:20; 20:9, 15, entre outros textos; ver também JONES, 2010, p. 342).

A ideia de castigo e purificação fica clara na ordem para queimar uma “pessoa” que tocasse uma “coisa impura” (Lv 7:19) ou algo que estava contaminado por “lepra maligna” (Lv 13,51-52; cf. HARRIS, 1990, p. 579). O fogo eterno após o milênio (Ap 20:9) segue como resultado do juízo final (Ap 20:11-15), e o propósito é punição e purificação para toda a terra. A ideia de punição e purificação também é sugerida pela expressão “lançado ao fogo” (cf. Mt



13:40; 22:7). A destruição completa do mal é a ênfase desses textos. Além disso, a destruição dos ímpios por fogo está prevista na queda da Babilônia e na segunda vinda de Cristo (cf. Ap 18:8; 2Pe 3:10).

Porém, ao discutir a queima de pessoas como punição e purificação ao longo da Bíblia, é necessário considerar que todos esses textos tratam sobre executar pessoas vivas pelo fogo, e não de queimar o corpo sem vida dos mortos em um processo de cremação. Embora alguns considerem a execução pelo fogo como “cremação” (JONES, 2010, p. 339), isto é claramente diferente do ponto em discussão sobre a cremação dos mortos. Fogo para consumir pessoas vivas implica punição e purificação do pecado. Contudo, o fogo para consumir corpos sem vida tem o propósito de se prevenir de contaminação, como está implícito no caso de Saul, em Amós 6 e outros textos, como veremos.

Outro evento de queimar de pessoas tinha o propósito claro de expurgar os maus costumes de Israel. Por exemplo, as “imagens de fundição” e os “ídolos” tiveram de ser queimados no fogo (Dt 7:5, 25; 12:3; 1Rs 15:13; 2Rs 23:4; 1Cr 14:12) porque eram “abominações”. Existe uma conexão entre “imoralidade” (do heb. *zimmah*, Lv 20:14) e “abominação” (*tow’ebah*). Essas coisas contaminavam a terra e precisaram de ser queimadas para expurgar os maus costumes da comunidade. A maior ocorrência dessas duas palavras está em Ezequiel, que emprega *zimmah* 14 vezes (cf. Ez 16:27; 23:21 e outros) e *tow’ebah* 41 vezes (cf. Ez 5:9; 7:3; 16:2 e outros). No contexto do exílio, por decreto do Senhor, Jerusalém foi queimada e desolada por Nabucodonosor como forma de purificá-la (Jr 21:10; 34:2), “até que a terra gozasse dos seus sábados” (2Cr 36:21; ver v. 19). Portanto, neste contexto, o fogo não é necessariamente para destruir, mas para purificar, uma vez que Jerusalém foi restaurada para desfrutar novamente dos sábados.

Portanto, a queima no fogo assume em ambas as situações a finalidade de punição e purificação ou banimento das práticas maléficas da comunidade. Assim, tanto no caso de desvio sexual (Gn 38:24) quanto na imoralidade (Lv 20:14; 21:9), a ideia essencial por trás da execução por fogo era “expurgar a ofensa da comunidade” (cf. Js 6:24; por queimar depois de apedrejar, cf. 7:15, 25; cf. MATHEWS, 2005, p. 723). A morte pelo “fogo do Senhor” de Nadabe e Abiú que trouxeram “fogo estranho” ao altar parece assumir o mesmo propósito de punição e expurgo da irreverência da comunidade (Lv 10:1-2). Evidentemente, a prática de queimar



peças no fogo por causa de pecados graves faz parte da lei civil aplicada apenas ao povo de Deus como uma nação, nos tempos do Antigo Testamento.<sup>3</sup>

Deve-se notar também que o fogo e o ato de queimar não são usados somente de forma negativa na Bíblia. Deus é descrito como “fogo consumidor” e às vezes se manifesta no meio do fogo (Êx 3:2; Dn 7:9; Zc 2:5; Hb 12:29). Além disso, as ofertas de animais eram queimadas (do heb. *saraph*) sobre o altar (Êx 12:10; 29:14; Lv 2:2; 3:9; 16:13; 6:24, 30) como um aroma suave ao Senhor. A explicação para queimar a oferta de animais é que ela é “santa” (Êx 29:34). Isto implica que queimar no fogo nem sempre era uma punição, mas poderia se tornar algo aceitável diante de Deus, como as ofertas sagradas.

Assim, quando a Bíblia fala em enterrar os mortos está descrevendo um costume dos hebreus e judeus no passado, sem uma prescrição ou mandamento. Além disso, os textos que mencionam execução por fogo como punição e purificação por pecados graves e rebelião tratam de matar pessoas pelo fogo, não como uma forma de dispor daqueles que já estão mortos.

### ***A prática de queimar corpos para evitar contaminação***

A Bíblia também fala sobre queimar corpos sem vida em circunstâncias em que o cadáver poderia ser uma fonte de contaminação. Nesses casos, as pessoas não são mortas pelo fogo, mas seus corpos sem vida são removidos por fogo, o que está mais próximo da atual prática de cremação dos mortos.

Um exemplo desse caso é a queima dos corpos de Saul e de seus filhos. Saul e seus filhos foram derrotados, e os filisteus prenderam seus corpos no muro de Bete-Sã (1Sm 31:10). Então, “homens valentes” de Jabes-Gileade resgataram os corpos e “os queimaram”. Depois disso, eles pegaram “seus ossos e os enterraram debaixo da tamargueira em Jabes, e jejuaram sete dias” (1Sm 31:12, 13).

Os jabetes queimaram os corpos talvez para evitar “o risco de infecção pelos corpos em rápida decomposição” (YOUNGBLOOD, 1992, p. 800). Consequentemente, a reação de Davi ao ouvir isso não demonstra nenhuma condenação à atitude dos jabetes de queimar os

---

<sup>3</sup> Roy E. Gane (*Old Testament Law for Christians: Original Context and Enduring Application* [Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2017]) classifica as leis do AT e discute sua aplicação ao contexto da nação de Israel e do cristianismo.



corpos (2Sm 2:5). Ele também disse que o Senhor lhes retribuiria “esta bondade, porque fizestes isto” (v. 6). Os jabetes jejuaram por Saul durante sete dias, o que seria repetido por Davi e seus homens, embora por um período mais curto (2Sm 1:12). O período de sete dias está associado a “cerimônias que envolvem rituais de purificação”, conforme Lv 14:8-10 (YOUNGBLOOD, 1992, p. 801).

Por sua vez, Amós 6:9-10 descreve a queima de corpos sem vida após uma batalha ou pestilência, evidentemente por motivos sanitários. A descrição de uma casa cheia de cadáveres pretende retratar os horrores enfrentados pelas vítimas de uma guerra ou peste. A queima do cadáver nesse caso, portanto, é para evitar a contaminação pela peste ou por decomposição dos cadáveres (MCCOMISKEY, 1985, p. 319). “A cremação pode ter sido necessária naquele momento por causa do grande número de mortos, pelo tipo de peste ou porque não se podia chegar à sepultura fora da cidade por causa do cerco” (NICHOL, ed., 2013, p. 1076).

Quando se discute a decisão de queimar o corpo sem vida para evitar contaminação é necessário considerar o conceito de santidade do corpo humano como um “templo”. Tradicionalmente, os católicos e outros cristãos rejeitaram a cremação e intervenções sobre o corpo sem vida porque a Bíblia afirma que o “corpo é o templo do Espírito Santo” (1Co 6:19). Neste ponto, é necessário destacar a diferença bíblica entre um “corpo” vivo (do grego *sōma*, Mt 5:30; Rm 8:11; 1 Cor 6:19) e um “cadáver” ou “corpo morto” (*ptōma*, Mt 14:12; 24:28; Mr 15:45). O corpo vivo é templo para o Espírito Santo, mas o corpo morto é uma fonte de contaminação (Jo 11:39; cf. Nm 9:10; 19:11-13). Além disso, o corpo que é templo é uma referência a “todo o espírito, a alma e o corpo”, à pessoa viva (cf. 1Co 6:20; Rm 12:1; 1Ts 5:23).

O sepultamento dos mortos nas Escrituras geralmente ocorria no dia da morte (cf. Dt 21:23) ou dentro de vinte e quatro horas. “Problemas de saneamento e receio de possível contaminação através do contato com o cadáver” (Nm 9:10-14; 19:11-13) constituíam as razões para tal rapidez. Lázaro foi sepultado no dia em que morreu, pois morreu porque estava “doente”, conforme João 11:1, 17, 39 (MARE, 1976, p. 672).

Assim, em circunstâncias em que o cadáver poderia ser fonte de contaminação, os personagens bíblicos não hesitavam em cremá-lo. E não há condenação nem prescrição sobre isso.



### ***Ausência de condenação em eventos de queima de corpos sem vida***

A Bíblia também fala sobre eventos de queima de corpos para profanar um lugar idólatra, e não condena aqueles que praticam esse ato. Isto foi feito pelo rei Josias.

Foi predito que o altar idólatra em Betel, estabelecido pelo rei Jeroboão, seria contaminado pela queima de ossos (1Rs 13:1-2). Na verdade, algum tempo depois, Josias exumou e queimou ossos de sacerdotes pagãos, o que se configurou num ato de profanação (2Rs 23:16, 20; ver PATTERSON, AUSTED, 1988, p. 118). Josias era o rei de Judá, mas suas reformas a partir de 622 AEC alcançaram a terra de Israel, que fora desolada pelo ataque assírio em 722. Josias purificou a terra de Israel contaminando e destruindo os altares pagãos (2Rs 23:15). O relato da reforma de Josias não sugere nenhum tipo de pecado cometido por ele ao exumar e queimar aqueles ossos humanos (EAGER, 1915, p. 744). Na verdade, Josias é exaltado pelo propósito que tinha ao fazer isso (cf. 2Rs 23:16, 20; cf. 2Cr 34:5). Após este ato de profanação dos altares pagãos, Josias celebrou uma Páscoa como “nunca havia sido celebrada desde os dias dos juízes” (2Rs 23:22).

Portanto, a queima de cadáveres, mesmo de ossos, não é relatada nesse caso como um pecado. A profanação do altar ocorreu não tanto pela queima dos ossos sobre ele, mas pelo contato com os ossos deteriorados, que era uma forma de contaminação.

### ***Corpos em chamas e ira sem limites***

Contudo, a atitude de queimar corpos ou ossos parece ser condenada em Amós 2. Este texto precisa de consideração em relação ao relato sobre a reforma de Josias. O que é condenado nesse caso? É a queima dos ossos ou o motivo para fazer isso?

Alguns consideram que o texto de Amós 2 descreve a atitude de “incinerar completamente um corpo”, o que é em si uma “profanação abominável”. E o julgamento em Amós 6:9-10 seguiria a mesma linha (BERGEN, 1996, p. 283). Por exemplo, Jones considera que “esta é a única referência inequívoca ao ato de cremação na Bíblia” (JONES, 2010, p. 341). Por sua vez, Decker diz: “Isso é o mais próximo que a Bíblia chega de condenar o ato da cremação” (DECKER, 2006, p. 27).



Porém, como não há condenação ao rei Josias por exumar cadáveres e queimar seus ossos num altar idólatra, se os intérpretes bíblicos condenarem a mesma atitude com base em Amós, não seriam parciais?

Em Amós, o Senhor prediz um pesado “castigo” sobre os moabitas porque eles “queimaram os ossos do rei de Edom até virar cal”. O texto não diz que o rei de Edom foi “queimado até a morte”, mas que seus “restos esqueléticos foram exumados e queimados até virar cal” (SMITH; PAGE, 1995, p. 57). Com efeito, Jerônimo cita uma tradição judaica segundo a qual, depois da guerra desse contexto, “os moabitas, em vingança pela ajuda que Edom deu aos israelitas, desenterraram o corpo do rei edomita, a fim de profanar seus ossos” (NICHOL, ed., 2013, p. 1060). Por tal pecado, os moabitas veriam sua terra em “fogo” que devoraria os seus palácios e mataria muitas pessoas.

No contexto de Amós 1-2, está sob condenação uma série de pecados de algumas nações, a maioria delas ligadas a Israel por laços de sangue (Edom, Amon e Moabe). Os principais pecados são a violência e a agressividade contra nações vizinhas e irmãs (Amós 1:3), a falta de misericórdia para com os fracos (v. 6), a ira sem limites (v. 11) e a ambição desenfreada de invadir território de povos parentes (v. 13). Seis vezes Deus diz que “enviará fogo” a um lugar cujo povo queria dominar outras pessoas e explorá-las (Am 1:4, 7, 10, 12, 14; 2:2). Neste contexto, o texto indica que o ódio e a ira sem limites dos moabitas os levaram a exumar e queimar os ossos do rei de Edom “até a cal”, para desonrá-lo e aniquilá-lo.

Parece que a atitude de desonrar e queimar os ossos do rei de Edom revela a profundidade da ira contra uma nação irmã. Assim, se o nobre propósito de Josias de purificar a terra de Israel é o que justifica a queima de ossos sobre o altar idólatra, a motivação do ódio e da ira é o que condena a mesma atitude de queimar ossos de um “irmão” em Amós 2. “Odiar um inimigo é ruim, pior é odiar um amigo, e pior ainda é odiar um irmão” (NICHOL, ed., 2013, p. 1058).

Assim, não há condenação nem mandamento sobre a prática de cremação de corpos sem vida. O propósito e os sentimentos por trás da atitude é o que está em foco nesses relatos.

Ao considerar os relatos bíblicos de sepultamento (muitos casos) e cremação (os casos de Saul e seus filhos), fica evidente que os “personagens bíblicos demonstraram grande cuidado e respeito pelos corpos de seus entes queridos falecidos” (JONES, 2010, p. 340).



Abraão comprou um acampamento especial por “preço integral” para enterrar sua esposa Sara (Gn 23:9). Davi exaltou a atitude dos jabetes por queimarem os corpos deteriorados e por enterrarem os ossos de Saul (seu inimigo) e de seus filhos (2Sm 2:5). Esse respeito não é propriamente uma reverência pelo corpo sem vida, mas uma consideração pela memória dos mortos que deve ser mantida em todas as circunstâncias.

## SEPULTAMENTO E RESSURREIÇÃO DO TÚMULO

Um ponto importante a discutir ao lidar com o sepultamento e a cremação como formas opcionais de se dispor dos mortos é a relação entre ressurreição e sepultura. Normalmente, a esperança da nova vida está focada nos túmulos que então serão abertos. Assim, é preciso considerar esta ligação defendida por muitos entre “sepulcro” e ressurreição. Existe uma prescrição clara sobre onde os corpos devem permanecer para serem ressuscitados no último dia?

Jesus prometeu a ressurreição dos fiéis “que estão nas sepulturas” (do grego *mnēmeion*; Jo 5:28). A NAS traduz *mnēmeion* como “monumentos” (Mt 23:29). As duas palavras gregas *mnēmeion* (“sepultura”) e *táphos* (“sepulcros”, “túmulo”) estão associadas à ressurreição dos mortos nos casos históricos e pontuais de Jesus (Mt 28:1, 6; Lc 24:2), Lázaro (Jo 11:38, 44) e da multidão que ressuscitou com Cristo (Mt 27:52, 53). A única outra ocorrência da palavra “sepulcro” associado à ressurreição é João 5:28, onde deve ser entendida como um símbolo, não necessariamente um local específico onde estariam os mortos, uma vez que ao longo dos tempos os elementos que permanecem após a deterioração do corpo são certamente modificados e dispersos, como se supõe ter ocorrido após o Dilúvio que revolveu toda a superfície da terra (Gn 11:11-12).

Além disso, supõe-se que a maior parte do povo de Deus ao longo do tempo não foi enterrada em uma “sepultura” ou “monumento”, mas em um buraco na terra. Nesse caso, é útil considerar que Daniel fala da ressurreição daqueles que dormem “no pó da terra” (Dn 12:2). Paulo não fala sobre “sepultura” ou “túmulo” tanto em 1 Coríntios 15 como em 1 Tessalonicenses 4. Ele apenas diz que os “mortos em Cristo” serão ressuscitados, e não os mortos “em sepulturas”. Ao usar a metáfora de “semear”, Paulo não sugere que o “pó residual num túmulo seria a substância de um novo organismo celestial” (PHIPPS, 1989, p. 55). Com





as expressões “corpo natural” e “corpo espiritual” (1 Cor 15:44) ele coloca em perspectiva a descontinuidade entre a realidade física atual e a realidade celestial.

Deus ressuscitou uma multidão por ocasião da ressurreição de Jesus, e eles ressuscitaram dos “sepulcros” (Mt 27:52-54). De acordo com Ellen White, aquela multidão ascendeu ao céu com Jesus, que os apresentou a Deus como “o molho movido, aqueles que ressuscitados com Ele como representantes da grande multidão que há de sair do sepulcro por ocasião de Sua segunda vinda” (WHITE, 1940, p. 834). Desta forma, aquelas pessoas ressuscitaram em Jerusalém, quando a morte de Jesus abalou a região local e abriu os seus túmulos (v. 51). Visto que eles são considerados representantes de todos os salvos (cf. Ef 4:8; Ap 4:6),<sup>4</sup> eles deveriam ser provenientes de diferentes épocas e lugares, mas foram todos ressuscitados em Jerusalém. Não seria razoável supor que Deus escolheu como representantes dos salvos universais uma multidão inteira de enterrados somente em Jerusalém. Desta forma, os “sepulcros” em questão, em Jerusalém, não devem ser considerados como o lugar onde eles foram sepultados, mas o lugar de onde foram chamados à vida novamente.

No Apocalipse, João não usa a palavra “sepultura” nem “túmulo”. Ele descreve a ressurreição dizendo apenas que os justos “viveram” (Ap 20:4). Ele também fala sobre a ressurreição dos ímpios para a segunda morte, dizendo: “O mar entregou [do grego *dídomi*, “livrar”] os mortos que nele havia, e a Morte e o Hades entregaram [*dídomi*] os mortos que estavam neles” (Ap 20:13). Parece que ele está falando dos mortos que foram enterrados nas águas e nos túmulos. Contudo, neste paralelismo, “mar” (*thálassa*), “Morte” (*thánatos*) e “Hades” (*hádēs*) devem ser vistos como sinônimos, uma vez que o “mar” é onde a besta é contida antes de agir contra os santos (Ap 13:1). Jesus afirma possuir a chave da “Morte” e do “Hades” (Ap 1:18), e no Apocalipse ambos são personificados (cf. 6:8; 20:6, 14). Quando associado à “terra”, o “mar” é o oceano (cf. Ap 5:13; 10:2; 14:7). Mas associado à “morte” e ao “hades” (1:18; 6:8; 20:13,14; 21:1, 4), o “mar” parece ser personificado como um inimigo simbólico sobre o qual Jesus exerce domínio. Assim, o “mar”, “Morte” e “Hades” são apenas “nomes para a região [simbólica] dos mortos” (cf. 1:18; 8:9; 16:3).

---

<sup>4</sup> Sobre essa interpretação, ver Jon Paulien, “The Seven Seals,” in *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies*, Daniel and Revelation Committee Series 6. Ed. Frank B. Holbrook (Silver Springs, MD: Biblical Research Institute, 1992), 1:214; e Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009), 187.



Desta forma, o que o Apocalipse parece indicar com essas expressões é que o lugar simbólico dos mortos (os personificados “mar”, “hades” e “morte”) “devolverá os mortos”, ou os libertará. Assim, o “mar” não seria um lugar geográfico de onde os mortos ressuscitarão, mas simboliza o “reino do mal” (cf. 4:6; 13:1; 15:2), dentro do qual “operam forças satânicas, e que aprisiona todos os incrédulos” (BEALE, 2013, p. 1033, 1034), mas que por fim será destituído de seu poder na ressurreição.

### ***A ressurreição como nova criação***

Ao tratar do assunto da decomposição do corpo em diferentes formas, seja por sepultamento ou cremação, incluindo o caso dos mártires que morreram nas fogueiras, entendemos que a ressurreição e a vida eterna são uma nova criação. Os elementos dos corpos sem vida ao longo do tempo estão dispersos na terra, no ar e nas águas. Eles também podem ser incorporados em novas formas de vida, sejam elas vegetal, animal ou humana.

Do ponto de vista científico, depois de um organismo morrer e deteriorar, “se sobrar algum DNA, este é frequentemente alterado quimicamente, resultando em sequências fragmentadas” (JONES, 2022). As características físicas se perdem. Uma boa estabilidade do DNA no “córtex cerebral, nódulos linfáticos e músculos psoas pode ser observada [somente] durante um período de 3 semanas após a morte” (BÄR et al, 1988, p. 59-70). Dentes e ossos servem como uma boa fonte de DNA por um período máximo de meses e anos (KANEKO et al., 2015, p. 547-552). Na verdade, a estrutura genética única de um corpo, que as suas moléculas de DNA transportam, mantém este “corpo como o mesmo corpo [somente] durante esta vida”. A realidade é que não existe “continuidade corporal entre a existência terrena e a vida ressuscitada” (GERALD, 2012, p. 103). Isto ressalta a declaração de Paulo sobre a “tenda” temporária como a realidade terrestre dos justos e seus “corpos permanentes” e “celestiais” a serem ressuscitados (2Co 5:1-5; 1Co 15:40).

Considerando isso, a ressurreição deve ser vista realmente como uma nova criação. Essa nova criação ressuscitará da morte todos aqueles que foram enterrados ou cremados, incluindo os mártires cujos corpos foram pendurados em estacas e queimados até serem reduzidos a cinzas e depois levadas pelo vento.



A Escritura deixa claro que não existe alma ou espírito independente dentro do corpo que possa viver após a morte. Além disso, as características do corpo e do cérebro não são preservadas nos átomos dentro das sepulturas. Os seres humanos são uma unidade que deixa de viver na morte (cf. Gn 2:7; Sl 6:5; 115:17; Ec 9:10). Assim, após a decadência do corpo, na terra ou pelo fogo, não há mais DNA para preservar as características terrenas dos salvos, nem espírito ou alma, tudo está morto e silenciado. Diante disso, os salvos ressuscitarão conforme são preservados na memória de Deus, nos registros do celestial Livro da Vida, na história de suas vidas, de seu caráter, como uma nova criação em Cristo. Deus fará isso como na primeira criação, do “pó da terra” (Gn 2:7; Dn 12:2). O mesmo acontecerá com os ímpios que ressuscitarão do pó da terra depois do milênio (Ap 20:13).

## **CONCLUSÃO**

O sepultamento e a cremação têm sido as duas formas dominantes de lidar com os mortos ao longo do tempo. Os povos antigos praticavam ambos. A cremação era preferível para assírios, babilônios, persas, romanos e trácios. Por sua vez, egípcios, israelitas e judeus adotavam o sepultamento. A ascensão do cristianismo fez com que o sepultamento se tornasse dominante no Ocidente. Contudo, no último século, por diversas razões, essa prática perdeu espaço para a cremação, tanto no Ocidente moderno quanto no Oriente.

Não há prescrição bíblica sobre uma ou outra maneira de dispor dos mortos. Quando a Bíblia fala sobre sepultar os mortos, apenas um relato é feito, não uma prescrição ou ordem. Quando apresenta um relato sobre queimar pessoas como forma de punição e purificação de pecados graves, está falando sobre queimar pessoas vivas. Às vezes a Bíblia também fala sobre queimar corpos sem vida, e nesses contextos não há condenação sobre esta atitude em si.

Os sentimentos e crenças das pessoas, bem como a opção de se dispor dos mortos por sepultamento ou cremação, de acordo com sua cultura, devem ser respeitados no difícil momento em que enfrentam a morte desses entes queridos. A forma de lidar com os mortos é uma decisão muito pessoal e íntima.

A questão essencial ao lidar com a morte de entes queridos é a esperança viva de que todos serão erguidos do pó da terra na segunda vinda de Jesus. Tenham sido sepultados ou cremados, se morreram nas águas ou pelo fogo como os milhares de mártires, todos que



morreram em Cristo serão ressuscitados como uma nova criação para a nova e eterna vida no reino de Deus, conforme a promessa divina.

## REFERÊNCIAS

BÄR, Walter; et al. "Postmortem Stability of DNA." **Forensic Science International**. N. 39, 1988, p. 59-70.

BEALE, G. K. **The Book of Revelation**. The New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2013.

BERGEN, Robert D. 1, 2 Samuel. **The New American Commentary**. Vol. 7. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. 2ª ed. rev. e atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CALVIN, John. **Institutes of the Christian Religion**. Philadelphia: The Westminster Press, 1960.

COWLING, Charles. **The Good Funeral Guide**: Everything You Need to Know. New York: Continuum, 2010.

Cremation Association, disponível em <https://www.cremationassociation.org/page/IndustryStatistics>, em 20/08/2022.

Cremation Society, disponível em <https://www.cremation.org.uk/International-cremation-statistics-2019>, em 20/08/2022.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, Elizabeth A. (orgs.). **The Oxford Dictionary of the Christian Church**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005.

DAVIES, Douglas J. **The Theology of Death**. New York: T & T Clark, 2008.

DAVIES, Douglas. **Death, Ritual and Belief**: The Rhetoric of Funerary Rites. 3a ed. New York: Bloomsbury, 2017.

DAVIES, Douglas; RUMBLE, Hannah. **Natural Burial**: Traditional-secular Spiritualities and Funeral Innovation. New York: Continuum, 2012.

DECKER, Rodney J. "Is it Better to Bury or Burn? A Biblical Perspective on Cremation and Christianity in Western Culture". **William R. Rice Lecture Series**. Allen Park, MI: Detroit Baptist Theological Seminary, March 15, 2006.

EAGER, Geo B. "Cremation." **The International Standard Bible Encyclopedia**. Ed. James Orr et al. Chicago: The Howard-Severance Company, 1915.

FOURNIER, Elizabeth. **The Green Burial Guidebook**: Everything you Need to Plan an Affordable Environmentally Friendly Burial. Novato: California: New World Library, 2018.



GANE, Roy E. **Old Testament Law for Christians: Original Context and Enduring Application.** Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2017.

GEISLER, Norman L.; POTTER, Douglas E. "From Ashes to Ashes: Is Burial the Only Christian Option." **Christian Research Institute.** April 14, 2009. Disponível em <https://www.equip.org/articles/is-cremation-christian/>, 05/25/2023.

HARRIS, Mark. **Grave Matters: A Journey through the Modern Funeral Industry to a Natural Way of Burial.** New York: Scribner, 2007.

HARRIS, R. Laird. "Leviticus." **The Expositor's Bible Commentary.** Ed. Frank E. Gaebelein. Vol. 7. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1990.

"History of cremation in America," disponível em <https://simplycremationservice.com>, em 20/08/2022.

JONES, David W. "To bury or burn? Toward an ethic of cremation." **Journal of Evangelical Theological Society (JETS)** 53/2. June 2010.

JONES, Elizabeth D. **Ancient DNA: The Making of Celebrity Science.** New Haven, CT: Yale University Press, 2022. Kindle ed.

KANEKO, Yu; et al. "Comparison of hard tissues that are useful for DNA analysis in forensic autopsy." **Legal Medicine.** N. 17. 2015, p. 547-552.

KRATZER, Walter A.; et al. "Postmortem Stability of DNA." **Forensic Science International.** N. 39. 1988, p. 59-70.

MADVIG, Donald H. Joshua. **The Expositor's Bible Commentary.** Ed. Frank E. Gaebelein. Vol. 7. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992.

MARE, H. W. "Burial." **The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible.** Ed. Merrill C. Tenney. Vol 1. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976.

MATHEWS, K. A. Genesis 11:27–50:26. **The New American Commentary.** Vol. 1B. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2005.

MCCOMISKEY, Thomas E. Amos. **The Expositor's Bible Commentary.** Ed. Frank E. Gaebelein. Vol. 7. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1985.

MCGRATH, Alister E. **Christianity: An Introduction.** 3a ed. Oxford: John Wiley & Sons, 2015.

NICHOL, Francis D. (ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia.** Vol. 4. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

O'COLLINS, Gerald. **Believing in the Resurrection: The Meaning and Promise of the Risen Jesus.** New York: Paulist Press, 2012.

PATTERSON, R. D.; AUSTED, H. J. 1 & 2 Kings. **The Expositor's Bible Commentary.** Ed. Frank E. Gaebelein. Vol. 7. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988.



PAULIEN, Jon. "The Seven Seals." In **Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies**. Daniel and Revelation Committee Series. Vol. 6. Ed. Frank B. Holbrook. Silver Springs, MD: Biblical Research Institute, 1992.

PHIPPS, William E. **Cremation Concerns**. Springfield, IL: Charles C. Thomas, 1989.

PROTHERO, Stephen. **Purified by Fire: A History of Cremation in America**. Los Angeles: University of California Press, 2001.

SMITH, Billy K.; PAGE, Franklin S. Amos, Obadiah, Jonah. **The New American Commentary**. Vol. 19B. Nashville: Broadman & Holman, 1995.

STEFANOVIC, Ranko. **Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009.

WHITE, Ellen G. **O Desejado de Todas as Nações**. 22ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WRIGHT, Paul H. Cremation. **Holman Illustrated Bible Dictionary**. Ed. Chad Brand et al. Nashville, TN: Holman Bible Publishers, 2003.

YOUNGBLOOD, Ronald F. 1 & 2 Samuel. **The Expositor's Bible Commentary**. Ed. Frank E. Gaebelein. Vol 3. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992.